



**PERSPECTIVAS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL.10, Nº 1, 2025, P. 120-134  
ISSN: 2448-2390

## Uma vinheta analítica da série *Wanderlust*

### An Analytical Vignette from the Series *Wanderlust*

DOI: 10.20873-rpv10n1-32

Roberto Amaral

Orcid: 0000-0002-4426-9429

Email: roberto.amaral@mail.uft.edu.br

Karina Correia da Silva

Orcid: 0009-0005-7033-908X

Email: karinacorreasilva@gmail.com

#### Resumo

“O tratamento psicanalítico” e “a psicanálise como intervenção na captura do gozo” são guias interpeladores que utilizaremos para operar uma vinheta psicanalítica da série *Wanderlust* – *navegar é preciso*. Para tal fim, faremos um recorte cirúrgico na série em questão, levando em conta apenas um trecho do episódio 5, pois nele se dramatiza um curioso processo de cortes interventivos nas falas da protagonista Joy (Toni Collette), por parte de sua analista Angela (Sophie Okonedo), de cujo manejo clínico é possível fazer inflexões sobre a potência da psicanálise em penetrar na formação inconsciente do gozo, bem como suscitar possibilidades de libertar-se de sua sintomática captura.

#### Palavras-chave

Tratamento analítico. Captura do gozo. Psicanálise e cinema.

#### Abstract

“Psychoanalytic treatment” and “psychoanalysis as an intervention in the capture of enjoyment” are the interpellation guides we will use to operate a psychoanalytic vignette from the series *Wanderlust*. To this end, we will make a surgical cut in the series in question, taking into account only an excerpt from episode 5, as it dramatizes a curious process of interventional reductions in the speeches of the protagonist Joy (Toni Collette), by her analyst Angela (Sophie Okonedo), from whose clinical management it is possible to make

inflections on the power of psychoanalysis to penetrate the unconscious formation of enjoyment, as well as to raise possibilities of freeing oneself from its symptomatic capture.

### Key-words

Analytic treatment. Capture of enjoyment. Psychoanalysis and cinema.

## Introdução

*Wanderlust – navegar é preciso* (2018) é uma série britânica escrita pelo dramaturgo Nick Payne e dirigida por Luke Snellin e Lucy Tcherniack, veiculada no Brasil pela plataforma de *streaming* Netflix, contando com sete episódios. Nos papéis principais da série, para o que interessa na discussão deste artigo, destacamos a atriz Toni Collete, interpretando Joy Richards, uma psicanalista, casada com Alan, um professor de inglês, papel esse interpretado pelo ator Stevem Mackintosh. Também colocamos em relevo a atuação da atriz Sophie Okonedo, no papel de Angela, a analista de Joy, e do ator Paul Keyne que, na trama, é o personagem Lawrence, ex-namorado de Joy.

Etimologicamente, a expressão “wanderlust” se origina da língua alemã, uma conjugação do verbo *wander*, que significa “caminhar”, “vagar”, com o substantivo *lust*, que se traduz por “desejo”. Numa tradução direta para o português, portanto, poderíamos chegar ao enunciado “desejo de viajar”, “desejo de caminhar”.

“O tratamento psicanalítico” e “a psicanálise como intervenção na captura do gozo” são guias interpeladores<sup>1</sup> que utilizaremos para operar uma vinheta psicanalítica da série *Wanderlust – navegar é preciso*. Para tal fim, faremos um recorte cirúrgico na série em questão, levando em conta apenas um trecho do episódio 5, pois nele se dramatiza um curioso processo de cortes interventivos nas falas da protagonista Joy (Toni Collette), por parte de sua analista Angela (Sophie Okonedo), de cujo manejo clínico é possível fazer inflexões sobre a potência da

---

<sup>1</sup> Apropriamo-nos desta expressão que foi utilizado por Roberto Amaral no livro *Veredazinhas eleitas – rasuras lacanianas em Grande sertão: veredas* (Caravana, 2022).

psicanálise em penetrar na formação inconsciente do gozo, bem como suscitar possibilidades de libertar-se de sua sintomática captura.

### A intervenção psicanalítica na captura do gozo

No vídeo intitulado “A dimensão da linguagem e o sujeito”, o psicanalista Alexandre Simões<sup>2</sup> apresenta uma discussão sobre a direção do tratamento psicanalítico. Para o propósito da discussão a ser empreendida neste artigo, destacamos a afirmação a seguir:

[...] o que está em jogo [na análise] é sair de um aprisionamento subjetivo. [...]. [a psicanálise] é uma prática que retira cada um de seu aprisionamento. O ‘prisioneiro’ é a condição de aprisionamento de quem chega à análise [...]. [...] é a isso que Lacan vai chamar magistralmente de gozo. A problemática do gozo é a que nos captura. O gozo é uma captura. [...] é a bola sólida amarrada ao tornozelo. O que [nos] mantém numa dada posição de sofrimento? Que não é simples, não basta falar: ‘Ah, eu quero sair desse sofrimento’. [...] *a direção do tratamento implica em considerar a psicanálise como uma prática que tem a potência, não a promessa gratuita, ingênua e generalista, mas a potência de, singularmente, realizar uma intervenção no ponto ‘Hardy’<sup>3</sup>, no que nos captura* (SIMÕES, 2022, grifos nossos).

Os destaques que fazemos na citação de Simões sinalizam para as noções que adotaremos como *guias interpeladores*<sup>4</sup> para a vinheta analítica recolhida da série *Wanderlust* – *navegar é preciso*<sup>5</sup>, a saber: “o tratamento psicanalítico” e “a psicanálise como intervenção na captura do gozo”.

---

<sup>2</sup> Psicanalista, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993), com mestrado (finalizado em 1997) e doutorado (concluído em 2002), ambos na linha de pesquisa dedicada à Teoria Psicanalítica (UFMG). Dedica suas pesquisas, a partir de Freud e Lacan, à Psicanálise na Contemporaneidade e ao campo da Subjetividade e Saúde Mental Coletiva. É coordenador e docente no Curso de Pós-Graduação em Clínica Psicanalítica Lacaniana do Instituto ESPE.

<sup>3</sup> “Hardy” é um personagem de animação criado pela dupla de cartunistas estadunidenses William Hanna e Joseph Barbera. Trata-se de uma hiena pessimista, que acredita nunca ser bem-sucedida em seus planos. Seu mantra obsessivo é: “Oh céus! Oh vida! Oh azar! Isso nunca vai dar certo!”.

<sup>4</sup> Apropriamo-nos desta expressão que foi utilizado por Roberto Amaral no livro *Veredazinhas eleitas – rasuras lacanianas em Grande sertão: veredas* (Caravana, 2022).

<sup>5</sup> **Wanderlust – navegar é preciso**. (Episódio 5). Direção: Luke Snellin; Lucy Tcherniack. Produção: BBC One; Netflix. Netflix. 2018. 55 min. Disponível em: < [https://www.netflix.com/watch/80212509?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652\\_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-](https://www.netflix.com/watch/80212509?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-)

O episódio 5 é iniciado por três cenas que vão se alternando em rápidos closes sobre três momentos significativos na vida de Joy. Em cada um deles, ela está com o semblante sério entristecido. Na primeira e na segunda, ela está se preparando-se para ir a uma cerimônia religiosa, e, na terceira, se vestindo para ir para uma sessão de análise.

Nas cenas em que é uma jovem de quinze anos, Joy está atando delicadamente um laço em torno da cintura de seu belo vestido preto, para se dirigir, na companhia de seu pai, ao velório da mãe. Nas imagens nas quais ela é uma mulher adulta, em torno de cinquenta anos, escolhe uma blusa de cor escura, recoberta por um casaco verde e calça *jeans*, para se encaminhar ao funeral do pai de Lawrence, o jovem com quem namorou quando tinha justamente a idade de quando a sua mãe faleceu.

Na terceira cena, é possível observar que ela coloca uma blusa de fundo preto com estampas coloridas e a cobre com um casaco vermelho, que também recobre boa parte de sua calça *jeans*, para se dirigir de trem ao consultório de sua analista.

Chama a atenção que a morte da mãe de Joy e a do pai de Lawrence, obviamente levando-se em consideração o tempo que as separa, ocorreram, coincidentemente, na mesma estação do ano, a saber, durante o inverno. Em tomadas intercaladas, vê-se o pai da jovem Joy a retirar a neve do pára-brisa do carro, e a Joy madura a fazer o mesmo procedimento em seu automóvel. A jovem Joy tem nas mãos um coroa de flores, a Joy adulta, um buquê. Na cena complementar, a Joy adulta se encaminha a pé em direção a uma estação de trem, de onde irá ao encontro de sua analista.

Corte: Eis que a audiência é lançada, inesperadamente, para um *setting* analítico, onde se situam, frente a frente, Joy e sua analista Angela. Ela está sentada com o corpo levemente encurvado para frente e segura um copo d'água com as duas mãos, quando é interpelada por Angela: “– E então, como foi?”.

Corte em *flash back*: Vê-se Joy entrando na igreja para o velório do Pai de Lawrence.

Corte: Com um olhar inconvincente, Joy responde: “Tudo bem.”. Respira fundo, olha para o lado e complementa: “Não sei”. Aqui se percebe o início do manejo clínico da analista, ao perguntar: “Não sabe o quê?”. Silêncio. Joy abre os braços e responde: “Bem, eu não sei.”, junto com um riso levemente insano. Para de rir, e diz: “O que dizer...”. Numa ótima condução do tratamento e não da analisanda, Angela insiste, como a permitir fazer valer a *associação livre*<sup>6</sup>: “Diga o que quiser...”. Joy suspira e ensaia uma reposta: “Eu cheguei atrasada”.

Corte em *flash back*: Vê-se Joy segurando o panfleto em memória de Graham David Cole, o pai de Lawrence. Enquanto são mostradas tais cenas, ouve-se a voz de Joy *em off*: “Ainda não havia começado”.

Corte: A *atenção flutuante*<sup>7</sup> de Angela destaca, então, um aspecto no vago relato de Joy: “Por que se atrasou?”. Joy, tenta demonstrar com o olhar que o fato de ter se atrasado não é relevante e reticencia: “Porque sim”.

Corte em *flash back*: É mostrada uma cena que contradiz a desimportância do atraso, ou seja, Joy, deliberadamente, se demorava em decidir se iria ou não ao velório.

Corte: Angela não convencida com a reposta de Joy, indaga: “Pode ser mais específica?”. Joy, sem titubear, mente: “Queimei minha torrada”. Angela, não deixa por menos: “Como?”. É quando, desmontada, Joy ri sem graça e retruca: “Eu sei onde quer chegar. A propósito”. Nesse ponto da discussão é fundamental trazer uma importante informação: Joy também é analista. Em outras palavras, ela não é uma incauta em relação à prática da análise, sabe que a sua analista está fazendo uso de dispositivos clínicos, como o *corte*<sup>8</sup>, para fazer com que o seu

---

<sup>6</sup> Segundo Laplanche e Pontalis, “O termo ‘livre’ na expressão ‘associação livre’ exige as seguintes observações: 1º Mesmo nos casos em que o ponto de partida é fornecido por uma palavra indutora [...] ou por um elemento do sonho [...], pode-se dizer ‘livre’ o desenrolar das associações, na medida em que esse desenrolar não é orientado e controlado de forma seletiva; 2º Essa ‘liberdade’ acentua-se no caso de não ser fornecido qualquer ponto de partida. É nesse sentido que se fala de regra de associação livre como sinônimo de regra fundamental; 3º Na verdade, não se deve tomar liberdade no sentido de uma indeterminação: a regra de associação livre visa em primeiro lugar eliminar a seleção voluntária dos pensamentos [...]” (Laplanche; Pontalis, 1997, p. 39).

<sup>7</sup> Na palavras de Laplanche e Pontalis, a atenção flutuante “Consiste numa suspensão tão completa quanto possível de tudo aquilo que a atenção habitualmente focaliza: tendências pessoais, preconceitos, pressupostos teóricos, mesmo o mais bem fundamentados” (Laplanche; Pontalis, 1997, p. 40).

<sup>8</sup> Lacan empreende a seguinte discussão sobre a questão do *corte* e do *furo*: “Acaso nos arriscamos a dizer que o *corte* não ex-siste, afinal de contas, pela esfera?, talvez sim, em razão de que nada o obriga a se fechar, já que, permanecendo aberto, ele produz o mesmo efeito, qualificável como *furo*, mas também porque esse termo, aqui,

inconsciente faça *furo* em sua *fala vazia*<sup>9</sup>. No entanto, uma coisa é uma analista na função de analista, outra coisa é o analista na condição de analisanda. Ou seja, como qualquer ser humano, ela não está imune às trapaças do inconsciente. Ainda assim, Joy insiste em se justificar, buscando dar mais substância à ficcionalização de sua narrativa: “Alguém ligou a torradeira no nível 4. Não fui eu”. Na sequência, Joy junta mais argumentos frágeis para justificar o seu atraso: “E eu não consegui achar meus sapatos”.

Corte em *flash back*: Uma breve cena desmente Joy. Na realidade, ela estava trocando de sapatos de forma atabalhoada, o que demonstra seu inconsciente fazendo-a relutar em ir ao seu compromisso.

Corte: Angela, sem aliviar a situação para Joy, replica: “Bem, quais eram? Você sabia quais sapatos estava procurando e não conseguiu achar, ou, no geral...”. É quando Joy a interrompe e, já não suportando mais as intervenções certeiras de sua analista, se rende ao que evitava declarar: “Certo. Está bom. Eu aceito. Eu posso ter... hesitado um pouco”. No entanto, Angela continua implacável, pois não vê suficiência na concessão proporcionada por Joy: “E por quê?”. Joy, querendo ganhar tempo, responde com uma nova pergunta: “Por que eu hesitei?”. Angela devolve de imediato: “Diga-me você”. Ambas silenciam.

Corte em *flash back*: Enquanto é mostrada uma cena de Joy sentada num dos bancos da igreja durante o velório do pai de Lawrence, ouve-se a sua voz no consultório da analista, fazendo uma breve digressão *em off*: “Já perguntei a uma escritã... Eu falei: ‘Você prefere casamentos ou funerais?’. E ela disse: ‘funerais’. Falei: ‘Que interessante’. Ela disse que casamentos podem ser bem elaborados, muitas vozes e opiniões no meio. Funerais, por sua vez... Ela disse que as pessoas só querem... na maioria das vezes... só querem que ele importe. Que signifique algo”. Após isso, Angela faz um breve pausa para buscar elaborar o que Joy quis dizer com essa narrativa. Porém, ao invés de discutir a questão em si, ela sabiamente opta por

---

só pode ser tomado na acepção imaginária de ruptura de superfície visível, é claro, mas por reduzir o que ele pode circunscrever ao vazio de um possível qualquer, do qual a substância é apenas correlata (co-possível, sim ou não: saída do predicado para proposicional, com todos os passos em falso com que nós nos divertimos)” (LACAN, 2003, p. 486, grifos meus).

<sup>9</sup> Conforme Jacques Lacan, na “fala vazia”: “o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo”. (Lacan, 1998, p. 255).

saber o porquê de Joy trazer esse tema à baila: “E, no geral, é assim que se sente em casamentos e funerais?”. É quando Joy volta a tergiversar: “Não sei. Talvez.”.

Corte *em flash back*: No momento em que Joy faz essa confusa enunciação, é mostrada uma imagem dela, quando jovem, ao lado de seu pai no velório da mãe. Joy continua sua fala, *em off*: “Acho que, provavelmente, sim.”.

Corte: Baseada no que Joy acaba de expor, Angela levanta a seguinte questão: “Gostaria de me dar um exemplo?”. Contudo, Joy tenta negacear: “Um exemplo de por que prefiro funerais a casamentos?”. É quando o seu inconsciente lhe atravessa: “Ou de um funeral que significou algo para mim?”. Arguta, Angela devolve: “O que você preferir”. Percebendo que não teve controle sobre o que declarou, Joy tenta devolver o problema para a sua analista: “Não, me diga você”. Angela apenas a observa. Joy, então, insiste em se explicar: “Eu não estava falando que prefiro, a propósito”. Ao que, Angela contra-argumenta: “E eu não estava sugerindo que você prefere”. Joy não querendo se dar por vencida, retoma o seu ponto de vista: “Eu estava transmitindo algo que alguém...”. Mas não consegue prosseguir, titubeia, silencia. Angela, ocupa o vazio da fala de Joy com um displicente: “De fato”. É quando Joy se deixa atravessar pela *fala plena*, e enuncia uma verdade subjetiva: “Mas, então... Já que estávamos falando sobre ele, digo, eu lembro que, no da mãe, no da minha mãe,”, Joy engasga e Angela pronuncia, de forma interrogativa, a palavra que ela evitava: “funeral?”. Com essa ajuda, Joy consegue retomar a sua fala: “Sim, é... É eu me lembro que ele...”. Angela a interrompe: “Desculpe, quando diz ‘ele’...”. Joy explica: “O pai de Lawrence”. Angela confirma nomeando-o: “Graham”. Joy: “Isso.”. Toma fôlego e confessa: “Porque meu próprio pai me disse:”

Corte *em flash back*: Cena do pai da jovem Joy se dirigindo a ela dentro do carro, antes de entrarem na igreja onde estava acontecendo o velório de sua mãe. Ouve-se a voz de Joy, *em off*, citando o pai *ipsis litteris*: “Ninguém quer ver uma cena sua hoje, Joy”.

Corte: Angela interpela Joy entre a perplexidade e a indignação: “O que acha que ele quis dizer?”. Joy ri nervosa e vitupera: “Bem, do jeito incomparável dele, ele estava dizendo: ‘Hoje é o dia de manter o controle.’”.

Corte em *flash back*: Volta a cena da jovem Joy e seu pai no carro, silenciosos, ela ainda sob o efeito da censura que ele lhe havia endereçado.

Corte: Angela tece um comentário sobre a situação pela qual passou Joy: “Não é um promessa fácil de cumprir normalmente, imagine que naquele dia...”.

Corte em *flash back*: São mostradas novas cenas do velório da mãe de Joy. Ela ao lado do pai represando as suas emoções e sentimentos.

Corte: Joy, com um sorriso esmaecido, diz: “Eu me saí bem”, como a confirmar que cumpriu à risca a advertência feita por seu pai. Depois de um pausa, Joy retoma a sua enunciação: “Acho que o mais estranho... o mais estranho, foi, provavelmente, o número de pessoas que eu não conhecia, dizendo o quanto amavam a minha mãe. Dizendo quão incrível a achavam. Pessoas com que ela trabalhou, com quem ia dançar”. Angela percebendo que esta deriva era importante na enunciação de Joy, questionou: “Por que é estranho?”. Depois de titubear por alguns segundos, Joy negaceia com as palavras: “Mas, enfim... uma vez que acabou a cerimônia, acho que foi aí que, realmente...”.

Corte em *flash back*: Cena da jovem Joy acendendo um cigarro, em frente à igreja onde ocorreu o velório da mãe. Enquanto ela está fumando, Graham, o pai de Lawrence, se aproxima dela, e diz, pela voz de Joy *em off* no *setting* analítico: “Você sabe, não sabe, que está tudo bem em não se sentir como si mesma em um dia como hoje?”. Diante dessa manifestação, a jovem Joy se emociona e chora.

Corte: Vê-se Joy concluindo essa breve narrativa entre um um choro contido e um riso inconvincente. É quando Angela declara: “Que gentileza”. Joy concorda com a apreciação de Angela em relação à atitude de Graham: “Ele era incrível!”. Angela faz uma afirmação como que pedindo confirmação sobre quem Joy se referia: “O pai de Lawrence”. Joy assente: “Sim, ele era... Era um indivíduo extremamente generoso”. É quando Angela a provoca: “ Mais do que seu pai?”. Joy responde com uma risada irônica, e complementa: “Mais do que a maioria”.

Corte em *flash back*: Pela entrada de correspondência da porta da casa de Joy, cai um envelope pardo, cujo remetente não é possível identificar.



Corte: Joy complementa a informação sobre a generosidade de Grahman, comparando-a com a de seu marido: “Alan talvez seja, na verdade. Ele era a única pessoa quando minha mãe morreu. Porque, na época, muitos dos meus amigos... Digo, ninguém sabia o que falar”. Angela fica curiosa com essa informação prestada por Joy: “Em que sentido?”. Usando de ironia, Joy responde à sua analista: “Bem, Angela, nenhum deles tinha um pai morto”. De maneira, arguta, Angela busca retomar a questão da generosidade apontada por Joy em relação a Grahman e Alan: “Então, além do Grahman e do seu marido...”. No entanto, Joy a interrompe para fazer uma *retificação subjetiva*<sup>10</sup>: “Desculpe, na época, eu e Alan não estávamos...”. Antes que Joy possa complementar, Angela intervém: “Não estavam?” e Joy confirma: “Não”. Angela insiste: “Estavam juntos?”. Joy assente: “Sim”. Angela busca rapidamente entender o tipo de relacionamento entre Joy e Alan: “Namorado e namorada?”. De maneira vacilante, Joy responde: “Isso. Sim. Nós... nos conhecemos de um jeito bem...”.

Corte em *flash back*: A jovem Joy está numa festa.

Corte: Joy continua a sua narrativa sobre como ela e Alan se conheceram: “Eu estava tomando antibiótico, porque um gato me mordeu. Eu odiava aquele gato”.

Corte em *flash back*: Enquanto aparecem cenas da jovem Joy na festa. A Joy madura dá sequência à sua narrativa: “Então eu não estava bebendo e, pelo que me lembro, Alan era única pessoa sóbria naquela festa cheia de universitários absurdamente exagerados”. Na cena da festa, a jovem Joy encontra o jovem Alan.

Corte: Joy ri enquanto rememora o encontro com Alan: “E ele disse... de forma doce, disse,”

Corte em *flash back*: a jovem Joy e o jovem Alan estão conversando animadamente na festa, enquanto a Joy madura dá sequência às suas lembranças: “Tenho um trabalho pra entregar amanhã”.

---

<sup>10</sup> Conforme Santos: “A retificação subjetiva trata-se de um dos efeitos da intervenção do psicanalista, enquanto uma aposta para convocar o sujeito a implicar-se em sua queixa, viabilizando uma possível mudança na posição subjetiva frente ao seu sintoma”. (Santos, 2023, p. 2).

Corte: Joy continua o seu relato: “E eu pensei...”. Nesse momento Joy interrompe o relato por conta da emoção que sente, aproxima sua mão esquerda do peito e prossegue:

Corte em *flash back*: A jovem Joy e o jovem Alan estão conversando sentados numa escada onde acontece a festa.

Corte: Ainda emocionada pelas lembranças, Joy tenta complementar a cena: “Digo...”. Sem se deixar envolver pela emoção sentida por Joy, Angela, de forma sutil, mas cortante, intervém para buscar compreender o contexto do acontecimento relatado por Joy: “Desculpe, só para garantir que eu... Isso foi durante...”. Joy esclarece: “Nos conhecemos no início do segundo ano”. Imediatamente, Angela, faz uma nova pergunta: “E sua mãe?”. Joy responde: “Ela morreu perto do fim do terceiro ano”. Diligentemente, Angela chega a uma importante conclusão: “Entendi. Então, na verdade, vocês dois estavam juntos há algum tempo”. De forma reticenciada, Joy tenta explicar: “Sim, mas nós... Nós não ficamos juntos até... Porque na época... Bem, naquele período em particular, eu estava... eu ainda estava saindo com Lawrence”. Com uma feição plena de ironia, Angela emite uma única expressão: “Ó!”. E Joy volta a se justificar: “Tentando fazer o relacionamento à distância funcionar”. É quando Angela questiona: “E deu certo?”. Joy responde com uma nova pergunta: “Funcionar à longa distância?”. Angela responde com um expressão: “Hum hum”. Ao que Joy complementa: “Não muito. Eu contei a verdade a ele”.

Corte em *flash back*: Cena em que figuram o jovem Lawrence e a jovem Joy conversando na casa dela, seguida de cenas em que aparecem ela e o jovem Alan num parque de diversões, e num quarto fumando maconha. *Em off*, a Joy madura dá continuidade à narrativa: “Disse: ‘Lawrence, sinto muito, mas acho que conheci outra pessoa. Não fizemos nada, não nos beijamos ou algo assim, mas temos passado um bom tempo juntos. E quanto mais eu me sinto atraída a ele, menos eu sinto... saudades de você. E então ele falou... Falou: ‘O que ele tem que eu não tenho?’”. É quanto Angela com um olhar curioso pergunta: “E o que respondeu?”. Joy prossegue: “Não sei, foi algo como ‘Ele parece ter controle das coisas’”. Mais curiosa ainda, Angela, questiona: “O que quis dizer?”. Com o semblante em tom irônico, Joy exclama: “As fitasVHS dele estavam em ordem alfabética!”.

Corte em *flash back*: Cena mostrando o indicador da mão esquerda de Joy conferindo as fitas VHS de Alan.

Corte: Depois de uma longa respirada, Joy sequencia a sua enunciação: “Acho que ele sabia que queria ser professor. Acho que ele já sabia disso. E ele era calmo e organizado”. Nesse ponto, Angela provoca Joy: “E o Lawrence, como eram as fitas VHS dele?”. Joy, sem se deixar levar pela provocação, responde: “Com certeza não estavam organizadas alfabeticamente”. Angela, com uma expressão de quem busca recordar algo, retoma a questão da generosidade que ficou pendente: “Você falou antes, quando falávamos do pai do Lawrence, sobre Grahman, que ele era um indivíduo extremamente generoso, mais do que qualquer um. E depois disse: ‘Exceto o Alan’.”. Joy pensa um pouco e faz uma nova retificação subjetiva: “É porque..., digo, em termos de... Eu lhe pedi para não ir ao funeral da minha mãe”. Depois de um breve silêncio, Angela questiona: “Certo, e por quê?”. Joy responde: “Eu pedi”. Angela insiste: “Por favor”. Joy, num gesto um tanto envergonhado, diz: “Não queria que ele me visse assim”. Angela continua sua investigação: “Como?”. Joy completa: “Não sendo eu mesma. Ele ainda não conhecia a minha família”. Angela faz nova intervenção: “Quando disse: ‘Não sendo eu mesma...’”. Joy busca elaborar a resposta: “Sei que não é lógico, mas é como eu me senti naquele momento”. Angela refaz a intervenção: “Então você lhe pediu para não ir... você explicou seus motivos, e ele concordou, ou...?”. Joy responde: “É... sim, ele concordou”. Angela volta à carga interventiva: “Perdão, isso foi quando? Onde estamos?”. Joy num esforço de recordação, diz: “Acho que liguei para ele no dia da morte dela”. Angela assente: “Ok”. Joy prossegue: “É. E depois, acho que conversamos no dia seguinte ou até depois”. Angela que saber mais detalhes: “Pelo telefone, ou...?”. Joy sente a necessidade de uma outra retificação subjetiva e não consegue: “Não, quis dizer... É que tudo foi muito...”. Angela, nesse momento, afina a sua intervenção: “Entendo. Então um dia ou dois depois”. Joy concorda um tanto incomodada: “Sim. E ele... Ele perguntou sobre o funeral, e... falou que se houvesse qualquer coisa que pudesse fazer...”. Angela prossegue em seu movimento interventivo: “E você disse?”. Joy responde: “Alan... a verdade é que será algo pequeno, só para a família”. Angela, de forma incisiva, questiona: “E isso foi verdade ou não?”.

Recuperando-se do susto provocado pela pergunta, Joy responde: “Não exatamente”. Angela retoma a questão: “Qual foi a reação dele?”.

Corte em *flash back*: Cena que mostra a jovem Joy conversando ao telefone com Alan. *Em off*, a Joy madura continua a narrativa: “Ficou quieto por um tempo. Acho que pensei tê-lo irritado, aborrecido. Pensei que não quisesse falar comigo”.

Corte: Angela volta à sua investigação, de uma maneira estrategicamente titubeante, elaborando aos poucos a sua intervenção: “Então... depois... Certo. E então, o que aconteceu? O que mudou?”

Corte em *flash back*: Retorno à cena do envelope caindo da entrada de correspondência da porta da casa da jovem Joy. Na sequência, a jovem Joy está recolhendo o envelope do chão. Abre o envelope e vê um carta com o seu nome e um pequeno livro. O título do livro é *A anatomia de uma dor*, de C. S. Lewis. Logo a jovem Joy está lendo a carta, enquanto chora silenciosamente.

Corte: Depois de um breve silêncio no *setting* analítico, Joy retoma a sua enunciação, relatando o que estava escrito na carta que recebera de Alan: “Ele disse que... ficou meio chateado por eu não o querer lá, porque eu pedi que não fosse. Mas não porque que ele se importava por não estar lá, mas... o que chateou Alan foi... pensar, ele disse que eu ficaria lá por conta própria, triste. Sozinha. Tendo que passar por tudo sozinha”.

Corte em *flash back*: Cena mostrando a jovem Joy folheando o livro de C. S. Lewis e vendo as passagens que foram grifadas por Alan. Na última página no livro ela lê uma inscrição feita por Alan: “Pensanso em você, Joy. Com todo amor, Alan”.

Corte: Joy declara: “Eu sabia o quanto ele odiava que escrevessem em livros”. Angela pondera com curiosidade: “É mesmo?”. Joy complementa sorrindo: “Ele não suportava”. Angela prossegue em sua intervenção: “Então significou muito”. Joy responde com uma metáfora: “Que fora-da-lei”. Após um longo silêncio, Joy, de forma angustiada, declara: “O problema era que...”.

Corte em *flash-back*: Cena em que figuram duas mãos se tocando sobre uma cama, mas não dá para identificar que são as personagens.

Corte: Joy, de forma incomodada, sem ajeita na poltrona e diz: “eu...”.

Corte em *flash back*: Cena em que mostra a jovem Joy e o jovem Lawrence sentados numa cama se beijando e começando a tirar as roupas.

Corte: Joy, bastante constrangida, gagueja.

Corte em *flash back*: Cena entre a jovem Joy e o jovem Lawrence na cama fazendo sexo.

Corte: Joy constrangida num longo silêncio diante de Angela. Joy rompe o silêncio com um comentário: “Você já está calada há muito tempo”. Angela responde: “Eu estive escutando. E, além disso... eu acho, andei pensando”. Joy, então, pergunta: “No que andou pensando?”. Angela sorri e responde: “Bem, boa pergunta. Sobre... você”. Joy sorri e comenta: “Bom saber”. Angela continua: “E sobre... como. Porque o interessante para mim, Joy... você mencionou antes que chegou atrasada, a torrada queimada, e quando eu a pressionei um pouquinho, você disse... ‘Certo, eu admito, eu estava um pouco hesitante’. E eu pensei comigo mesma: ‘Certo, hesitante em relação a quê?’. Então eu não disse, mas pensei: ‘Bem... deve ser o Lawrence, a esposa dele, a... perspectiva de vocês três estarem no mesmo cômodo ao mesmo tempo, talvez’. Mas então, é claro, quando você descreve esse encontro com Grahan, com o pai do Lawrence, aí eu penso: ‘certo, agora entendi tudo’. Ele claramente significava muito pra você. Sem falar da ligação com sua mãe. E então, também há esse... padrão... de parceiros que, persistentemente, se coincidem. E o quero dizer com isso é... quando perguntei sobre o porquê de não querer Alan no funeral de sua mãe, você falou algo como...”. Joy completa: “Eu não queria que ele me visse assim”. Angela continua: “É isso, ‘não sendo você mesma’, como se apenas certas partes de nossa personalidade, de nossa psique, sejam adequadas para o consumo público. E aí tem a história do seu pai... te pedindo pra não fazer uma cena. ‘Ninguém quer te ver fazendo uma cena hoje, Joy’. E eu pensei: ‘O que será que ele realmente quis dizer com isso?’. Ou melhor, o que uma afirmação dessas... significou mesmo pra você? Acho que o meu sentimento sincero é... quando ele te pediu para não fazer uma cena... ele pediu, na verdade, que você parasse de sentir tudo. Que não sentisse nada”. Nesse momento, completamente envolvida pela intervenção de Angela, Joy começa a chorar. Angela continua: “Quando não sentimos nada, Joy... quando paramos de sentir qualquer coisa... perdemos a noção do que nos causa dor... e do porquê. Sem falar daquilo que nos excita, que nos alegra. Quando pensei comigo mesma: ‘Bem... é claro que vocês

transaram. É claro que você transou com o Lawrence'. Porque eu suspeito que você quisesse... que você precisasse... sentir alguma coisa". Depois de um silêncio alongado, Joy, com lágrimas nos olhos, informa: "Eu contei a ele, a propósito".

Corte em *flash back*: Cena de um telefone sendo discado pela jovem Joy.

Corte: Joy complementa a frase: "Alan. A verdade". Angela pergunta: "E?".

Corte: Cena na qual é Joy aparece se dirigindo ao banheiro do consultório de Angela, demonstrando que houve um intervalo na sessão de análise. Joy está no banheiro perturbada com o efeito da análise.

### Considerações finais

Com a apresentação desta vinheta analítica, é possível confirmar os argumentos apresentados por Simões, no segundo tópico deste artigo: sem dúvida, a direção do tratamento psicanalítico, por conta de sua característica rascante, faz com que o analisando se implique com a sua queixa singular. O dispositivo analítico, desse modo, potencializa uma real intervenção sobre o analisando, no sentido de ele se libertar do gozo que o capturou, com vistas a tornar-se o sujeito de seu desejo.

### Referências

- AMARAL, Roberto. *Veredazinhas eleitas – rasuras lacanianas em Grande sertão: veredas*. Belo Horizonte: Caravana, 2022.
- LACAN, Jacques. "O aturdido". In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, Jacques. "Função e campo de fala da linguagem". In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand, PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SANTOS, José Victor Martins dos Santos. *O lugar das entrevistas preliminares na prática laciana: considerações sobre a retificação subjetiva*. (2023). 23 f. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. 2023.

SIMÕES, Alexandre. *A dimensão da linguagem e o sujeito*. 2022. Disponível em: <<https://espe.app.to-olzz.com.br/play/player/50812446?firstAcess=0&aula=&content=&institution=espe>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

VELOSO, Caetano. "O querereres". In: *Velô*. Rio de Janeiro: Phillips, 1984. LP.

*Wanderlust – navegar é preciso*. (Episódio 5). Direção: Luke Snellin; Lucy Tcherniack. Produção: BBC One; Netflix. Netflix. 2018. 55 min. Disponível em:  
<[https://www.netflix.com/watch/80212509?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652\\_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652\\_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652\\_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652%7C1%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A80211465](https://www.netflix.com/watch/80212509?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652_titles%2F1%2F%2Fwanderlust%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2C7cb10eff-08d2-456b-b324-1342613b37c4-16751652%7C1%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A80211465)>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Recebido em: 15-10-2024

Aprovado em: 10-06-2025

### **Roberto Amaral**

É pós-doutor em Estudos Literários e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Atua como professor associado 4 no Curso de Licenciatura em Filosofia, no Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia-PPFFil da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas, e no Programa de Pós-Graduação em Artes, Culturas e Tecnologias da Universidade Federal de Goiás. Coordena o Nonada-Grupo de Estudos e Pesquisas da Obra de Guimarães Rosa.

### **Karina Correia da Silva**

Psicanalista e psicóloga (IESB, 2015); Mestranda em Filosofia (UFT); Especialista em Psicanálise, Psicopatologia e a Clínica do Inconsciente (Faculdade São Marcos, 2021). Graduada em Letras Português/Inglês (UNIRG, 2004). Psicanalista membro da APOLa (Apertura Para Otro Lacan). Psicóloga no atendimento socioeducativo do Estado do Tocantins.